

**O USO DE ARTEFATOS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO EM GÊNERO E
SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES NA UFAL**

**EL USO DE ARTEFACTOS DIDÁCTICOS EN LA EDUCACIÓN DE GÉNERO
Y SEXUALIDAD: UN REPORTE DE EXPERIENCIA EN LA FORMACIÓN
DOCENTE EN LA UFAL**

Érika Araújo Vieira

Universidade Federal de Alagoas - UFAL
erika.vieira@icbs.ufal.br

Rafaela Monteiro dos Santos

Universidade Federal de Alagoas - UFAL
rafaela.santos@icbs.ufal.br

Vitor dos Santos Silva

Universidade Federal de Alagoas - UFAL
vitor.silva@icbs.ufal.br

Raiza Padilha Scanavaca

Universidade Federal de Alagoas - UFAL
raiza.scanavaca@icbs.ufal.br

RESUMO

Gênero e sexualidade nas escolas podem abarcar temas relacionados a identidade de gênero, autoconhecimento, saúde, prevenção de IST's, prevenção de gravidez indesejada, consentimento, e outros temas relevantes para a vida em sociedade. O relato tem como objetivo difundir artefatos didáticos apresentados durante uma disciplina do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas. A disciplina fez uso de artefatos que facilitaram a abordagem de assuntos voltados a gênero e sexualidade na Educação Básica, como: modelos anatômicos, dinâmicas, caixinha de perguntas, trazendo reflexões acerca da responsabilidade do tema e o uso da ludicidade na educação escolar.

Palavras-chave: Educação sexual; gênero e sexualidade; artefatos pedagógicos;

Eixo temático: 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

El género y la sexualidad en las escuelas pueden abarcar temas relacionados con la identidad de género, el autoconocimiento, la salud, la prevención de ITS, la prevención de embarazos no deseados, el consentimiento y otros temas relevantes para la vida. El informe tiene como objetivo difundir artefactos didácticos presentados durante un curso de la Licenciatura en Biológicas de la Universidad Federal de Alagoas. La disciplina hizo uso de artefactos que facilitaron el abordaje en la Educación Básica, como: modelos anatómicos, dinámicas, caja de preguntas, trayendo reflexiones sobre la responsabilidad del tema y el uso de lo lúdico en la educación.

Palabras clave: Educación sexual; género y sexualidad; artefactos pedagógicos.

Eje temático: 7. Inclusión e interseccionalidades en la enseñanza de Ciencias y Biología.

Modalidad: Relato de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO

Como estudantes da graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas, campus Maceió, junto a orientação da nossa professora, gostaríamos de contribuir com área de Ensino de Biologia, com o relato de uma experiência vivida na disciplina Prática Pedagógica como Componente Curricular de tema “Gênero e Sexualidade” da matriz curricular de 2019, a fim de participar da discussão do tema gênero e sexualidade na formação de professores e o uso de artefatos didáticos.

A nossa aproximação anterior à disciplina sobre questões relacionadas a gênero e sexualidade eram limitadas, no entanto, é importante situar alguns dados do estado em que vivemos. Pois, de acordo com o DATASUS, em 2022, a região do país que mais teve mais nascimento de bebês de mães de 10 até 14 anos de idade (crianças) foi o nordeste, e Alagoas recebeu o 4º lugar no ranking dos estados com mais nascimentos com mães nesta faixa etária. Porém, Alagoas é um dos menores estados do nordeste o que evidencia a gravidez na infância como um marcador significativo na nossa região.

Além disso, de acordo com dados do Dossiê: Mortes de violências contra população LGBT no Brasil (2022), o local mais violento para população LGBTQIA+ no país com os índices mais elevados de mortes a cada milhão de habitantes é o Ceará, com 3,80 mortes por milhão, mas em segundo vem Alagoas com 3,52 mortes por milhão. Uma porcentagem relevante e triste da violência que atinge nossa população. Outro ponto é

epidemiologia, pois em 2022 o município de Maceió registrou 325 casos de HIV com 128 casos de AIDS, tendo como maior prevalência na população de 20 a 34 anos de idade (Ferreira, 2022). A porcentagem alta de AIDS em relação aos contaminados, infecção com tratamento gratuito pelo SUS, alerta para um possível cenário de baixa testagem, visto que segundo o Ministério da Saúde foram registradas 8,8 mortes para cada 100 mil habitantes em Maceió, tendo o HIV ou a AIDS como causa básica (Brasil, 2023). Um número expressivo em comparação com outras capitais com maior circulação do vírus.

Os dados elencados podem indicar a importância de uma maior atenção à educação em gênero e sexualidade nas escolas da educação básica em Alagoas a fim promover algumas mudanças, com isso o tema da disciplina na formação de professores para Educação Básica é de muita relevância. Mas com o enorme arcabouço teórico no Brasil em relação a temática, e suas distintas abordagens, é importante ressaltar que a proposta indicada na disciplina foi a proposta da educação sexual emancipatória, difundida pela professora Maria Amélia de Azevedo Goldberg (1982), que percebeu a necessidade de uma educação sexual a fim de provocar a autonomia; a participação em lutas coletivas contra desigualdades; as denúncias e a produção de alternativas concretas na Educação Sexual (Goldberg, 1982).

Além disso, também trabalhamos nas aulas com o conceito de gênero. Um termo criado dentro do campo científico dos Estudos de Gênero das feministas americanas com o intuito rejeitar o determinismo biológico para explicações das diferenças sociais entre homens e mulheres, fazendo uma distinção entre sexo biológico (genitalia, hormônios, cromossomos) e gênero (construção social) (Bosco, 2019). A inclusão do debate sobre gênero, é indispensável visto que somos o país com maior homicídio contra a população transsexual do mundo (Benevides, 2023).

Como futuros professores de Ciências e Biologia da Educação Básica sabemos que a temática da sexualidade é expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais como temática transversal nas diferentes áreas do currículo, e extra programação, sempre que surgem questões relacionadas ao tema (Palma; Piason; Manso; Strey, 2015). Entretanto, acaba que nós da área biológica que lecionamos conteúdos como anatomia e fisiologia humana, parasitologia, entre outros temas relacionados, precisamos dar uma grande atenção na abordagem do tema.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, enfatiza a importância de “incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora” (Brasil, 2017, p. 19). Uma das habilidades do Ensino Fundamental é: “(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética)” (Brasil, 2017, p. 347). E algumas das habilidades no Ensino Médio:

(EM13CNT207) Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar. (Brasil, 2017, p.543)

(EM13CNT305) Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade. (Brasil, 2017, p.545)

Tais destaques podem ser interpretados na relação com o tema gênero e sexualidade para a promoção de uma abordagem emancipatória, que esteja articulada com os problemas enfrentados na sociedade brasileira como a necessidade da redução das violências sexuais e de gênero, preconceitos, repressões, enfrentamento eficaz de problemas epidemiológicos e autoconhecimento no desenvolvimento da sexualidade.

Além disso, a relação da Educação Sexual com a saúde é direta e complementar, pois os cuidados com o corpo, a afetividade, consentimento e saúde mental, estão entrelaçados no aprendizado da vivência em sociedade. Assim, é fundamental que seja uma abordagem trabalhada transversalmente para estabelecer uma firme relação com a realidade, sendo essa uma questão fundamental e integrante da constituição do indivíduo e da construção da cidadania (Santos; Brandão, 2013).

O relato apresentado se deu na experiência de uma disciplina obrigatória lecionada pelo setor de Ensino de Ciências e Biologia do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS) em que os professores possuem pós graduação em Educação ou Ensino de Ciências. A disciplina contém 60 horas com três aulas por semana e tem como objetivo: Desenvolver com os/as estudantes um conjunto de atividades e discussões que as/os permitam aprofundamento teórico-prático em ensino de gênero e sexualidade para a Educação Básica. Durante as aulas tivemos leituras, debates sobre a história das mudanças de concepções da educação sexual no Brasil, os problemas de significamos a

educação sexual ao reducionismo biológico; a relação entre a biologia, cultura, ciência e valores; a importância do engajamento no combate a violências, como a LGBTfobia, o machismo, abusos, entre outras formas de violência existentes dentro e fora do ambiente escolar; os documentos legais para evitar a autocensura em temas polêmicos na educação básica, e a importância da criatividade para as metodologias didático-pedagógicas ativas que sensibilizem os estudantes para o autoconhecimento, autocuidado, saúde, prazer, respeito e consentimento.

Em algumas das aulas a professora fez uso de instrumentos que chamou de artefatos didáticos, materiais que fizeram das aulas mais interativas, e possibilitaram metodologias ativas. O relato de experiência visa destacar o uso desses alguns artefatos utilizados no nosso processo em sala de aula, e com isso relatar a potência de estratégias de baixo custo que podem ser utilizadas por outros docentes pelo Brasil.

ARTEFATOS DIDÁTICOS

Os artefatos didáticos tem a intenção de dinamizar as aulas e auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. O uso de artefatos no Ensino de Ciências e Biologia podem contribuir na visualização de estruturas, no alcance de abstrações, na atenção, engajamento, disposição dos estudantes em aprender sobre um tema. Além disso, o contexto de atividades com artefatos, ou seja, a ludicidade no processo educacional, pode ser promotora da aprendizagem construindo e desenvolvendo a criticidade e contribuindo para a apropriação de conceitos junto às peculiaridades da adolescência (Martins; Braga, 2015).

Os artefatos que serão apresentados a seguir são modelos anatômicos para identificação dos órgãos do aparelho genitor feminino e masculino. Uma dinâmica de copos e líquidos para introduzir a discussão sobre as infecções sexualmente transmissíveis, e medidas de prevenção. E uma caixa de perguntas, em que foi adicionado algumas breves questões de forma anônima que poderiam ser expressadas possíveis inquietações, dúvidas ou observações que futuros estudantes poderiam levantar quando tratarmos esta temática em sala de aula.

Os artefatos didáticos foram apresentados para nós com o intuito de pensar maneiras de utilizá-los para a discussão em salas na Educação Básica. Relacionando-os à nossa

formação pela capacidade de promover uma aprendizagem envolvente e significativa em nosso futuro exercício profissional, visto que possuem um potencial para instigar a curiosidade dos estudantes. Assim, reconhecemos a importância de divulgar esses recursos acreditando que podem enriquecer práticas pedagógicas. Já que ao integrá-los em nossas atividades em sala de aula visamos criar um ambiente de aprendizado estimulante, em que os discentes possam explorar, experimentar e construir conhecimento de forma participativa. A seguir iremos descrever alguns artefatos apresentados na disciplina.

MODELO APARELHO GENITAL

Objetivando a facilitação do reconhecimento das estruturas que compõem o sistema genital feminino e masculino foram apresentados para a turma dois materiais didáticos que demonstraram detalhadamente e com ludicidade a anatomia de ambos sistemas, feito de cartolinas coloridas, biscuit e tinta.

O material didático do sistema genital feminino demonstrou ilustrativamente alguns órgãos, como o útero, vagina, vulva, clitóris, trompas uterinas, ovócitos, e o mesmo aconteceu com as demonstrações representativas do sistema genital masculino. Entretanto, nenhuma dessas estruturas estava com seus nomes demarcados, foi pedido que nos identificássemos corretamente. Para isso, recebemos junto ao modelo anatômico, um envelope contendo os nomes de cada órgão apontado, com a tarefa de colocar os papéis com os nomes de cada estrutura em seus respectivos lugares.



Imagem 1: modelo anatômico do útero. Imagem 2: modelo vagina com o clitóris.

Os apontamentos realizados por toda a turma demonstraram conhecimento sobre os órgãos deste sistema. Com isso, refletimos em conjunto sobre o quanto essa abordagem em sala de aula é interessante para a construção ou consolidação dos saberes sobre o corpo (anatomia), podendo contribuir nas discussões sobre a fisiologia humana, higiene, saúde, diversidade e diferenças anatômicas, e assim, autoconhecimento. Dialogamos também sobre a enorme negligência do clitóris, o órgão do prazer feminino, na Educação Básica, como alerta Mariela Ramos (2018) precisamos evidenciar a existência desse órgão dele nas aulas de anatomia, visto a repressão histórica do prazer feminino na sociedade.

Embora os modelos didáticos utilizados contribuíssem de maneira significativa para o processo de identificação dos órgãos, eles não representam com precisão o tamanho, as cores, a textura e o peso das estruturas genitais que pretendem ilustrar. É preciso levar em consideração junto aos nossos estudantes que os modelos podem simplificar ou omitir detalhes mais complexos e dinâmicos que ocorrem em situações reais como as mudanças que ocorrem ao longo da maturação sexual do indivíduo, alterações que ocorrem durante a excitação e outras respostas fisiológicas do organismo.

DINÂMICA DOS COPOS

A dinâmica foi conduzida com a utilização de copos contendo líquido transparente, atribuindo um para cada estudante presente na sala de aula. A professora distribuiu um copo para cada um de nós, organizou uma roda com as cadeiras e ligou uma música para ajudar na imersão ambiental. A sugestão foi que nós levantássemos as carteiras e imaginássemos estar em uma festa e, assim, poderíamos compartilhar nossas bebidas entre si. Não ingerindo as mesmas, mas trocando os líquidos entre os copos. Ao finalizar as trocas colocamos os copos na mesa da professora, e então a professora despejou um pouco de líquido roxo em cada um dos copos. Surpreendentemente, todos os copos mudaram de cor, havendo variações entre tons mais claros e outros copos com tons mais escuros.

A dinâmica é da reação do PH dos líquidos. Para ela são utilizados: água, suco de limão e chá de repolho roxo. Assim dentro os copos distribuídos é colocado em 1 ou 2 copos o suco de limão. O chá de repolho (pH básico) reage com suco de limão (pH ácido) e transforma a coloração roxa do chá, em rosa, bem mais claro do que o roxo do repolho.

Assim, os copos que se misturaram com o suco de limão ficaram com a coloração mais clara, já a água ficará com a cor roxa.

A professora determinou que 2 copos contendo líquido rosa representavam os copos contaminados, enquanto os copos que ficaram roxos representam os copos não contaminados. Com isso, foi explicado a relação entre essa transformação das cores, e a contaminação por uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST). Isso acontece porque pessoas com IST's não necessariamente estão doentes, basta apenas uma pessoa contaminada para que a IST se espalhe gradualmente com a troca entre as pessoas.

Essa dinâmica nos ajudou a entender e debater sobre as epidemias de IST's de uma maneira mais visual e tangível. Um tema frequentemente sensível e desafiador para se discutir em sala de aula. Em nossa trajetória acadêmica durante a preparação para a docência fomos capazes de reconhecer a importância de estar ciente em relação às infecções que muitas vezes são silenciosas e que podem ser adquiridas em lugares e situações que menos esperamos.

Além disso, ao promover a reflexão sobre a disseminação das IST's e as devidas precauções como as profilaxias existentes no SUS, os tratamentos gratuitos, as vacinas, os testes regulares podemos incentivar nossos estudantes a adotar práticas responsáveis que não vão deixar sua saúde em risco, e a saúde de seus relacionamentos. Debates assim, a importância de não ter preconceitos contra pessoas com vírus e as mudanças sociais que precisamos adotar para remover o preconceito e disseminar o autocuidado e o cuidado com as pessoas que nós relacionamos.

CAIXINHA DE PERGUNTAS

Este artefato é uma caixa de papelão pequena com um corte para inserção de papéis dobrados, e a distribuição de folhas A4 cortadas em três partes. Essas folhas foram distribuídas entre a turma, e foi solicitado a escrita de inquietações e questionamentos que imaginamos serem possíveis dúvidas de nossos futuros alunos na Educação Básica. Estas notas foram depositadas anonimamente na caixinha, garantindo assim a confidencialidade e o livre compartilhamento de questões. A ideia de estimular o desenvolvimento de perguntas promove um ambiente mais ativo e participativo dos estudantes com os professores (Figueiró, 2006).

Em seguida, cada estudante selecionou aleatoriamente uma questão da caixa, assumindo a responsabilidade de respondê-la como se fosse um professor em sala de aula, desempenhando o papel de educador(a). A cada resposta a professora compartilhou conosco sugestões e elogios em nossa abordagem.

Algumas das perguntas na caixa foram: “podemos pegar HIV pelo beijo?”; “é possível engravidar mesmo tomando anticoncepcional?”; “preciso utilizar camisinha no sexo entre mulheres?”; “um homem que se relaciona com uma mulher trans é gay?”; “é possível pegar IST masturbando o/a parceiro/a?” “porque é recomendado urinar após relação sexual?” Perguntas relevantes para abordagem em sala de aula e que trazem discussões com potencialidade de auxiliar na melhoria da qualidade de vida, da saúde e das relações entre as pessoas, consequentemente na sociedade.

Com a simplicidade de materiais: caixa, papel e caneta, fizemos a articulação de ideias e performamos respostas a questões que podem ser levantadas em nossas futuras salas de aula. Uma experiência prática avaliada como enriquecedora durante nossa formação docente para que possamos articular o conhecimento sobre gênero e sexualidade e comunicá-las de maneira nítida, coerente e sem tabus na educação básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que as aulas com práticas envolvendo o debate sobre gênero e sexualidade, conduziram a uma jornada reflexiva que proporcionou uma compreensão mais profunda acerca da importância desse debate no ambiente escolar. Além disso, essa vivência despertou uma consciência sobre a necessidade de promovermos um ambiente educacional inclusivo e livre de preconceitos, onde os estudantes se sintam seguros para expressar suas identidades e discutir questões pertinentes à sua realidade.

Nas aulas finais da disciplina, foi essencial dialogar e refletir sobre o medo da censura porque professores continuam enfrentando dificuldades ao abordar temas considerados tabus por conta de possíveis reações negativas por parte da comunidade escolar, pais ou autoridades. A prática da autocensura, na qual os discentes evitam discutir certos tópicos ou se sentem constrangidos ao fazê-lo com medo de represálias ou de serem mal interpretados, é preocupante. No entanto, é importante destacar que a censura, compromete o princípio da liberdade de expressão e o papel da escola como espaço de debate e aprendizado. Por isso, é fundamental que os professores se sintam apoiados pela

legislação educacional, que protege sua autonomia profissional e o direito das crianças e adolescentes à uma educação integral e inclusiva.

Conhecemos em aula, o Manual de Defesa contra a Censura nas Escolas (2020), em sua versão atualizada, elaborado por um conjunto de organizações da sociedade civil em resposta ao fenômeno ultraconservador na educação, em especial, aos ataques aos princípios constitucionais da liberdade de ensino e do pluralismo de concepções pedagógicas e às normas educacionais, bem como à interdição do debate sobre igualdade de gênero, raça e sexualidade nas escolas. O documento contribui no fortalecimento da dimensão que estamos amparados por lei, e atualiza as decisões do STF em nossa proteção, além de ajudar nas estratégias de ação em caso de situações que podemos viver no exercício da docência.

Por fim, reconhecemos a importância dos artefatos didáticos como materiais de suporte para o ensino de gênero e sexualidade nas aulas de Ciências e Biologia na Educação Básica, notando que possuem a capacidade de envolver os estudantes ao tornar o aprendizado mais descontraído, e ainda assim, significativo. Assim, levando em consideração a importância de delimitar objetivos que promovam uma educação em Biologia, com o tema gênero e sexualidade de maneira crítica, inclusiva, podendo causar impacto na realidade do nosso estado.

REFERÊNCIAS

BOSCO, Laura Veiga. **Educação Sexual e formação continuada de professores e professoras na rede municipal de ensino de Florianópolis/SC**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade, UFSC, Florianópolis, 2019.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022** - ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. [S. l.]: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Brasil registra queda de óbitos por aids. Confira os números de Alagoas.** Brasília, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias-para-os-estados/alagoas/2023/dezembro/brasil-registra-queda-de-obitos-por-aids-confira-os-numeros-de-alagoas#:~:text=Em%202022%2C%20o%20estado%20registrou,maior%20que%20%C3%A0%20taxa%20nacional>>. Acesso em: 30 de março 2024.

DATASUS. Informações de saúde por unidade da federação, nascimento e idade materna. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def> Acesso em: 30 de março.2024.

FERREIRA, Marília. **HIV, Aids e outras ISTs: Saiba como ter acesso ao tratamento pelo SUS em Maceió.** Assessoria de Comunicação (ASCOM) da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), Alagoas, 3 ago. 2022. Disponível em: <<https://maceio.al.gov.br/noticias/sms/hiv-aids-e-outras-ists-saiba-como-ter-acesso-ao-tratamento-pelo-sus-em-maceio>> Acesso em: 30 de março. 2024.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola.** Revista Linhas (UDESC), 7(1), 21. 2006.

GOLDBERG, Maria Amélia de Azevedo. **Educação Sexual: Uma Proposta, Um Desafio.** Aruanda. p. 107, São Paulo, 1982.

MANUAL DE DEFESA DAS ESCOLAS. Disponível em: <https://www.manualdedefesadasescolas.org.br/> Acesso em 03 de abril de 2024

MARTINS, I.C.P.; BRAGA, P.E.T. **Jogo didático como estratégia para o ensino de divisão celular.** Essentia, v.16, n.2, p.1-21, 2015. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/essentia/index.php/revistaessentia/article/view/27/57>>. Acesso em 03 de abril de 2024

OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL. **Dossiê de Mortes e Violência LGBTI+ no Brasil em 2022.** 8 de maio de 2023. Disponível em:

<<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>>. Acesso em: 30 de março de 2024.

PALMA, Yáskara Arrial; PIASON, Aline da Silva; MANSO, Almudena Garcia; STREY, Marlene Neves. **Parâmetros curriculares nacionais: um estudo sobre orientação sexual, gênero e escola no Brasil.** *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 727-738, 2015.

RAMOS, Mariela Claudete. **Precisamos falar sobre o clitóris na escola: investigando representações de estudantes de graduação em biologia acerca do clitóris.** Trabalho de Conclusão de Curso, Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal de Santa Catarina, junho 2018.

SANTOS, T.M.B.C.; BRANDÃO, G.O. **Elaboração de um jogo didático: perfil: refletir a sexualidade,** 2013. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/6317>>. Acesso em 03 de abril de 2024.